



Homem passa diante de um prédio destruído por bombardeio russo em Vasilkiv, perto de Kiev; pressão militar de Vladimir Putin se intensificou neste domingo (27) Dimitar Dilkoff/AF

Ucrânia aceita negociar com Rússia ante aumento de pressão por Putin

Após rejeitar oferta inicial, Zelenski concorda com encontro que Moscou vê como rendição

Igor Gielow

Moscou O presidente da Ucrânia, Volodimir Zelenski, aceitou neste domingo (27) negociar um acordo para interromper a guerra lançada pela Rússia contra seu país na quinta (24). A depender das condições do Kremlin, ele pode estar assinando sua rendição ante um aumento da pressão militar de Vladimir Putin. Forças russas entraram na segunda maior cidade da Ucrânia, Kharkiv, e iniciaram uma batalha nas suas ruas após uma noite de intensos combates. Em Kiev, a pressão continua com bombardeios, mas não há sinais de uma ofensiva total.

A movimentação veio logo após o Ocidente ter elevado o grau de punição a Moscou, ao anunciar o início da desconexão de alguns bancos russos do sistema internacional de transferências financeiras. Putin reagiu, colocando suas forças nucleares em alerta.

No fim da manhã (madrugada no Brasil), o Kremlin anunciou que uma delegação havia sido enviada para Gornostayevka, cidade na Belarus a 40 km da fronteira ucraniana. "Estaremos prontos para começar negociações", disse o porta-voz de Putin, Dmitri Peskov.

Inicialmente, o governo de Zelenski rejeitou a iniciativa, presumivelmente porque o que Moscou quer é uma rendição. Em um pronunciamento, o presidente disse que seria possível conversar na Belarus se os russos não tivessem usado a ditadura aliada como uma das bases para seu ataque — justamente contra Kiev, a menos de 200 km da fronteira sul-belarussa.

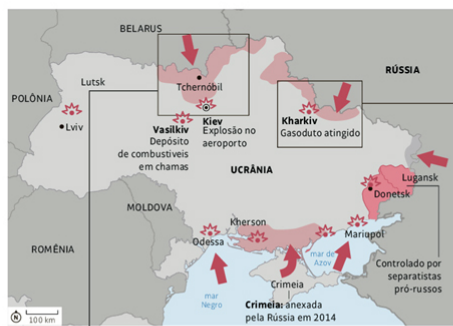
Por volta das 15h (10h em Brasília), contudo, a Presidência ucraniana disse que aceita ir a Gornostayevka (28), demonstrando uma mudança de tom do líder. Em uma fala no fim da tarde, Zelenski tratou de baixar as expectativas, dizendo que não esperava uma solução no encontro. "Deixe-os tentar", afirmou.

O ucraniano havia tido um sábado de sucesso midiático no Ocidente, devendo seu passado de comandante e político inabal no poder para trás ao fazer discursos desafiado-

Quarto dia de incursões da Rússia sobre a Ucrânia

Forças russas avançam sobre Kiev, Kharkiv e Tchernóbil

- Ataques relatados
- Relatos de avanços russos
- Áreas ocupadas por tropas russas



Fontes: Graphic News e The New York Times

res em Kiev. Questionado pelo CNN se considerava o movimento de Zelenski correto, o secretário-geral da Otan, Jens Stoltenberg, disse "confiar no julgamento do presidente". Peskov não elaborou acepa do que a delegação vai exigir. Quando falou sobre o assunto, na sexta (25), havia citado que a ideia era negociar "a neutralidade da Ucrânia". Este é o ponto principal das demandas feitas ao Ocidente por seu chefe, enquanto juntava quase 200 mil soldados em torno do vizinho, evitar que Kiev adira à Otan (aliança militar ocidental) e, por tabela, à União Europeia.

Já o chanceler ucraniano, Dmitro Kuleba, afirmou que Moscou aceitou o encontro sem precondições, o que seria resultado da resistência imposta pelo país aos invasores. Putin, por sua vez, apareceu rapidamente pela primeira vez em dois dias, em pronunciamento televisivo sobre o Dia das Forças Especiais. "Presto especial tributo àqueles que estão desempenhando heroicamente seus deveres militares durante a operação especial para assistir as repúblicas populares do Donbass", afirmou. O eufemismo para a guerra virou obrigatório para a

meia russa, agora proibida em falar "invasão" ou "agressão". Refere-se ao "casus belli" arrumado por Putin para, nas suas palavras, desmilitarizar e desnazificar a Ucrânia: o reconhecimento como países de duas áreas controladas por rebeldes pró-Rússia desde 2014 no Donbass (leste do país), que ato contínuo pediram ajuda militar a Moscou. Ela veio, como os meses de preparação acabaram provando, na forma de invasão por diversos pontos da Ucrânia. Kiev está cercada por dois pontos, a noroeste e a nordeste. "Eles podem estar sofrendo, sim, com a resistência ucrani-

ana, mas essa abertura do canal de rendição parece contar outra história. Podem querer evitar massacre de civis na capital, que acabaria com o que sobrou de imagem externa da Rússia, mas também para facilitar a instalação de um governo pró-Kremlin", diz o cientista político Konstantin Prolov. Por outro lado, disse, há rumores em Moscou de que Putin poderá escalar a ação militar de forma dramática, uma vez que sua abordagem até aqui não dobrou Zelenski. Até entra a eventual queda de Kharkiv, que os ucranianos dizem ter evitado ao longo do domingo. Já na noite de

sábado (26) houve movimento grande de blindados, tanques e obuseiros autotransportados pela fronteira na região de Belgorod, prenunciando o cerco e invasão. Um gasoduto na região foi explodido, mas não há ainda uma avaliação do impacto do ataque. "Estamos resistindo ao inimigo", disse a conta de Facebook da prefeitura local.

Se Kharkiv e seus 1,4 milhão de habitantes acabarem em mãos russas, isso pode facilitar o reforço das operações em Kiev, a oeste, e cortar a linha importante com as forças ucranianas que operam nas antigas fronteiras da chamada linha de contato, que a separava dos rebeldes do Donbass. Nas áreas separatistas, os ucranianos mantêm sua campanha de bombardeios. Nesta noite, atingiram outro depósito de combustível, na cidade de Roventki. A TV russa também mostrou imagem de vários danos em áreas residenciais da localidade, embora não haja notícia de vítimas.

Faz parte da guerra de propaganda, claro, mas sofrimento civil, ainda que manipulável, é sofrimento. Do lado ucraniano, além do trauma dos dias sob fogo e um número ainda incerto, na casa das centenas, de mortos, há a questão dos refugiados. Segundo a ONU, já são 368 mil pessoas que saíram do país, a maioria para a Polônia. O Alto Comissariado para Refugiados da organização estima que até quatro milhões de ucranianos podem fugir, quase 10% da população.

Na capital, a madrugada foi de ataques em torno da cidade. Um grande depósito de petróleo de uma base aérea de Vasilkiv, a sudeste de Kiev, foi atingido, pintando o céu no turno de laranja à distância. "A noite foi brutal. Hoje, não há uma única coisa no país que os ocupantes não considerem um alvo aceitável. Eles lutam contra jardins de infância, prédios residenciais, até ambulâncias", disse Zelenski, em um vídeo no Instagram.

Em Moscou, a acusação foi negada pelo porta-voz do Ministério da Defesa, general Igor Konachenkov. Ele diz que os ataques são apenas contra alvos militares, "com armas de precisão, mísseis de cruzeiro, fazendo o melhor para proteger a vida de civis".

Um toque de recolher está em vigor na capital, cuja defesa de áreas centrais parece entregue a milícias civis, que receberam ao menos 18 mil fuzis, liberando militares para a linha de frente. Há desconformação aparente, com relatos de civis confundidos com russos e baleados.



Lançamento de míssil intercontinental Iars, com capacidade de levar várias ogivas nucleares ao alvo, feito pela Rússia no dia 19 passado. Ministério da Defesa da Rússia - 19. fev. 2022/Reuters

Putin põe forças nucleares em alerta, e Europa oferece caças para Kiev

Escalada de russo ocorre antes de reunião Moscou-Kiev, e Otan a chama de irresponsável

Igor Gielow

Moscú O presidente da Rússia, Vladimir Putin, determinou neste domingo (27) que as forças nucleares do país entrem em alerta de combate devido às críticas feitas por países da Otan (aliança militar ocidental) à guerra que ele move contra a Ucrânia.

Ao mesmo tempo, a União Europeia respondeu dizendo que aceitou o pedido da Ucrânia para financiar o fornecimento de aviões de combate de países do bloco. Kiev perdeu um número grande, ainda que incerto, de caças na ofensiva de Moscou até o momento.

"Autoridades dos países líderes da Otan permitem declarações agressivas contra o nosso país, então eu ordeno o ministro da Defesa e o chefe do Estado-Maior [das Forças Armadas] a colocar as forças de dissuasão do Exército russo para o modo especial de combate", declarou o presidente, de acordo com a agência estatal russa Tass.

Não é claro o que "modo especial de combate" significa, mas é a primeira vez que tal tipo de alerta acontece. No seu pronunciamento em que anunciou a guerra, na quinta (24), Putin afirmou que qualquer interferência estrangeira na ação levaria a "consequências nunca antes vistas".

Desde o começo da crise, há quatro meses, EUA e aliados da Otan repetiram diversas vezes que apoiariam a Ucrânia e enviariam armas, mas não tropas. Equipamento sofisticado não foi vocalizado.

Finalmente, o risco de uma Terceira Guerra Mundial num embate desses foi colocado mais de uma vez pelo próprio presidente Joe Biden.

A embaixadora dos EUA na ONU, Linda Thomas-Greenfield, disse à rede CBS que "isso significa que o presidente Putin continua a escalar essa guerra de uma forma que é totalmente inaceitável, e nós temos de desviá-lo dessas ações da forma mais forte possível".

Já a Otan criticou duramente Putin, mantendo sua usual bovinice na prática.

Seu secretário-geral, o norueguês Jens Stoltenberg, disse à CNN que a determinação é "retórica perigosa e irresponsável" por parte do russo.

Mas a reação potencialmente mais importante veio do chefe da diplomacia da União Europeia, Josep Borrell. Ele disse, sem detalhar, que países do bloco poderiam fornecer, com uma compensação de Bruxelas, aviões de combate à Ucrânia — sua aviação e defesa aérea estiveram na mira prioritária da Rússia nos últimos dias.

Os únicos países que possuem aviões (modelos soviéticos MiG-29 e Su-25) para os quais há pilotos ucranianos habilitados são a Polônia, a Bulgária e a Eslováquia. Mesmo que seja só retórica, será lido em Moscou como uma interferência direta de países da Otan no conflito — até aqui, a Europa estava sendo criticada por fornecer apenas armas antitanque a Kiev.

Ao mesmo tempo, Estados Unidos e França disseram que seus cidadãos devem deixar a Rússia se possível.

Naturalmente, não falam em guerra nuclear, no caso americano citando o fechamento de espaço aéreo europeu a empresas russas.

No sábado anterior, dia 19, Putin convidou seu aliado belaruso Aleksandr Lukashenko para acompanhar um exercício em que testou a capacidade de combate e preparo de suas forças nucleares. Comandou o disparo de mísseis com capacidade nuclear de aviões, submarinos e solo.

Compare os arsenais nucleares

País	Ogivas operacionais	Ogivas estocadas	Ogivas aposentadas
Rússia	1.600	2.897	1.760
EUA	1.650 + 100*	1.950	1.900
China**	-	350	-
França	280	10	-
Reino Unido	125	105	-
Paquistão**	-	165	-
Índia**	-	160	-
Israel***	-	90	-
Coreia do Norte**	-	45	-

Glossário

Ogiva estratégica

Mais potente, para destruição de grandes alvos militares ou civis, como cidades

Ogiva tática

Menos potente, para uso contra movimento de tropas e bases menores

Ogivas operacionais

Prontas para uso em silos, lançadores móveis, submarinos ou bombardeiros

Ogivas estocadas

Guardadas em base próximas de seus meios de emprego

Ogivas aposentadas

Prontas para serem desmontadas, mas que podem ser reaproveitadas

*EUA declaram 100 ogivas táticas operacionais

**Estimativa

***Oficialmente, Israel não reconhece ter a bomba

Fonte: Federação dos Cientistas Americanos

A manobra e a ameaça feita na quinta (24) serviam a dois propósitos. Primeiro, tentar riscar uma linha para que o Ocidente não se envolva num assunto que considera seu — embora sua demanda majoritária seja exatamente evitar que estruturas como a Otan (aliança militar ocidental) e a União Europeia sigam se expandindo rumo a seu entorno, abrangendo Kiev.

Isso pode sinalizar algo complicado: a expectativa de que as negociações para tentar acabar a guerra com os ucranianos falhem e ele escale a violência de seu assalto.

Segundo, Putin precisa reforçar para o seu público doméstico a noção de que a guerra, que na mídia russa só pode ser chamada por ordem do governo de "operação militar especial", é uma reação a uma ameaça percebida de que o Ocidente é o adversário real do país.

Essa vem sendo sua tônica, de forma progressiva, desde que denunciou a expansão da Otan num discurso feito em Munique, em 2007.

Dois picos práticos desse arco narrativo foram atingidos: quando foi à guerra contra a Geórgia em 2008 para evitar a entrada da ex-república soviética na aliança e quando anexou a península da Crimeia e fomentou a guerra civil no leste da Ucrânia pelos mesmos motivos em 2014.

O anúncio deste domingo segue a mesma lógica — ao menos é o que se espera, como disse um analista político que pediu para não ser identificado e disse estar genuinamente amedrontado com o rumo da crise. Como a lógica dizia que Putin não atacaria de fato a Ucrânia, tudo parece estar na mesa às vezes.

Só que uma guerra nuclear não é um embate convencional. Sua escalada é vista como quase inevitável, e no fim do caminho há o apocalipse, o fim da civilização.

Continua na pág. A11

“ Autoridades dos países líderes da Otan permitem declarações agressivas contra o nosso país, então eu ordeno o ministro da Defesa e o chefe do Estado-Maior [das Forças Armadas] a colocar as forças de dissuasão do Exército russo para o modo especial de combate

Vladimir Putin
Presidente da Rússia



Continuação da pág. A10

Tanto é assim que as potências com assento no Conselho de Segurança da ONU (Rússia, EUA, França, Reino Unido e China), todas detentoras da bomba, assinaram um documento em janeiro se comprometendo a nunca iniciar um conflito com essas armas.

Agora, no entanto, Putin parece estar reagindo retoricamente ao cerco político-econômico do Ocidente contra seu governo.

No sábado (27), elevou vários países a capacidade de fazer transações internacionais e ameaçaram impedir a Rússia de acessar seus US\$ 643 bilhões em reservas internacionais, guardadas como colchão justamente para um aumento na severidade de sanções a que o país já tem sido submetido desde 2014.

Neste domingo, além de Moscou ver aliados como Hungria e Turquia criticarem Putin, a Alemanha anunciou que vai triplicar seu gasto militar neste ano para conter o que o premiê Olaf Scholz chamou de agressão do russo.

A Rússia tem o maior arsenal nuclear do mundo, e do ponto de vista operacional empata em capacidades com os Estados Unidos. Ambos os países chegaram a concentrar 70 mil ogivas em 1990, no caso da Guerra Fria encerrada no ano seguinte com a dissolução da União Soviética.

Todo dia, por determinação do tratado Novo Start, ambos os países têm 1.600 ogivas estratégicas, aquelas para uso em uma guerra total, para destruição em larga escala, prontas para uso em submarinos, bombardieiros e mísseis lançados do solo.

No exercício do dia 19, Putin fez questão de lançar também um míssil hipersônico, arma que é vista como vital nas guerras do futuro, por atingir seus alvos manobrando no caminho, desviando de defesas antiaéreas.



Mulher segura cartaz em ato em Berlim: 'Parem Putin antes que o mundo fique em chamas' Christian Mang/Reuters

Europa fechará espaço aéreo para aviões russos

REUTERS e AFP. A União Europeia anunciou neste domingo (27) que fechará o espaço aéreo do bloco para aeronaves russas, incluindo jatos particulares, uma medida sem precedentes destinada a pressionar o presidente Vladimir Putin a encerrar a invasão da Ucrânia.

A informação foi dada pela presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen. "Primeiro, estamos fechando o espaço aéreo da União Europeia para aeronaves de propriedade russa, registradas ou controladas pela Rússia. Elas não poderão pousar, decolar ou sobrevoar o território da UE", disse. "Este é um momento decisivo para a nossa União".

Em seu pronunciamento, Von der Leyen declarou ainda que a UE vai proibir a mídia estatal russa no bloco, que sanções serão aplicadas também à Belarus, ditadora vizinha e aliada a Moscou, e que a UE financiará pela primeira vez a compra e entrega de armas à Ucrânia.

Antes da decisão formal do bloco, ao menos 18 países da Europa já tinham anunciado

o fechamento do espaço aéreo, além do Canadá.

As medidas afetam voos operados pelas companhias russas Aeroflot e S7.

O primeiro-ministro belga, Alexander De Croo, foi duro ao justificar a medida.

"A Bélgica decidiu fechar o seu espaço aéreo para todas as companhias aéreas russas. Os céus europeus são abertos para aqueles que conectam pessoas, não para aqueles que buscam agredir brutalmente", escreveu o premiê nas redes sociais.

No Canadá, o anúncio foi

Guerra faz Alemanha triplicar gasto militar e romper tradição

Traumatizado por conflitos que protagonizou, país cria fundo inédito para reequipar suas Forças Armadas

Igor Gielow

MOSCOU A guerra na Ucrânia fez a Alemanha abandonar décadas de políticas de contenção militar e anunciar, neste domingo (27), que irá triplicar seu orçamento de defesa neste ano para reequipar suas Forças Armadas.

Segundo o primeiro-ministro Olaf Scholz, o país deverá gastar € 100 bilhões (R\$ 582 bi) a mais em 2022, teoricamente tudo de uma vez, a partir de um fundo especial que realocará verbas do orçamento.

"Nós temos de investir mais na segurança de nosso país para proteger nossa liberdade e nossa democracia", afirmou no Bundestag (Parlamento), sob ovação. "Não pode haver outra resposta à agressão de [presidente russo Vladimir] Putin."

O orçamento militar alemão neste ano era de € 50,9 bilhões (R\$ 296 bi). No ano passado, segundo dados da Otan (aliança militar ocidental), o país havia gastado € 52,2 bilhões (R\$ 309 bi) no setor. Em relação ao Produto Interno Bruto auferido em 2021, é um salto de 1,5% para 2,8%, o maior da história recente.

Não são apenas números. Há uma enorme implicação geopolítica na decisão de Scholz, que reverte as políticas majoritariamente pacifistas da Alemanha após o trauma nacional de ter protagonizado e perdido duas guerras mundiais (1914-18 e 1939-45) — e lidado com o estigma de ter sido o lar do nazismo, a mais aberrante ideologia "mainstream" do século 20.

De acordo com Scholz, o aumento no fundo se aplica somente a este exercício fiscal. Mas os termos da solução, se houver, da crise com a Rússia podem mudar isso.

Vladimir Putin então terá conseguido o que nenhum presidente americano fez desde o pós-guerra — Donald Trump era especialmente crítico da falta de investimento alemão em defesa.

No sábado (26), o governo alemão já havia quebrado outra promessa, a de não fornecer armamentos letais a países em conflito aberto, com o anúncio do envio de 1.000 mísseis antitanque Javelin e 500 sistemas antiaéreos portáteis Stinger, ambos modelos dos EUA.

Vários outros países europeus estão fazendo envios semelhantes para ajudar no esforço de guerra ucraniano. A vontade de Kiev de integrar a Otan e a União Europeia é motivo central para a ação de Putin, que por meses concentrou tropas e lançou um ultimato ao Ocidente para cessar a ex-

pansão do seu clube militar.

A Otan, com EUA à frente, não irá lutar pela Ucrânia, contudo. O motivo é simples: o risco de uma Terceira Guerra Mundial entre potências nucleares. Mas a tensão estabelecida na Europa é, como disse o secretário-geral da Otan, o norueguês Jens Stoltenberg, o novo normal.

A decisão alemã certamente causará dissenso na própria base de Scholz, que tem as alas esquerdistas do seu Partido Social-Democrata e no aliado Verde como pacifistas. Hoje, no ranking do Instituto Internacional de Estudos Estratégicos, de Londres, a Alemanha tem o sétimo maior orçamento militar do mundo.

Salvo medidas semelhantes de outros países do topo da lista, passará neste ano a ter o terceiro, atrás do indiscutível líder EUA (US\$ 754 bilhões em 2021 - R\$ 3,8 trilhões) e China (US\$ 207 bilhões - R\$ 1,06 trilhão).

A Rússia no ano passado foi o quinto, com US\$ 62,2 bilhões (R\$ 322 bi), atrás ainda de Reino Unido (US\$ 71,6 bilhões - R\$ 369 bi) e Índia (US\$ 65,1 bilhões - R\$ 336 bi).

O próprio instituto estima que, considerando o critério de paridade de poder de compra militar, ou seja, o quanto os russos gastam para adquirir o mesmo equipamento que o resto do mundo, o valor realito sobe para US\$ 778 bilhões (R\$ 918 bilhões).

Hoje, os alemães são grandes exportadores de sistemas de armas importantes, como submarinos e tanques, e têm participação em projetos como o do caça europeu Eurofighter. Mas, internamente, sempre adotaram políticas pacifistas, e participaram de uma missão de combate no pós-guerra pela primeira vez na guerra do Kosovo, em 1999.

Tiveram uma participação expressiva na missão liderada pelos EUA no Afeganistão, onde viram 150 mil soldados irem e voltarem ao longo de 20 anos — 59 morreram por lá. Mas ainda assim, o tema é um tabu nacional.

A própria construção da União Europeia, um projeto

“**Temos de investir mais na segurança de nosso país para proteger nossa liberdade e nossa democracia**

Olaf Scholz
chanceler da Alemanha

visando acabar com as guerras dentro do continente, primariamente unindo Berlim a Paris, passava pelo pressuposto de que a Alemanha seria o motor econômico do bloco — como é.

A França tem uma musculatura militar e indústria de defesa mais incisiva, só tendo como rival interno o Reino Unido, que de todo modo é parceiro na Otan, mas deixou a UE. Ambos os países detêm armas nucleares próprias, enquanto a Alemanha possui talvez 20 bombas B-61 sob guarda e operação americana na base de Büchel.

A outra consideração do movimento é o entorpecimento da relação que Putin tinha com Berlim. Foi amigo de Gerhard Schröder, o chanceler que antecedeu a longeva Angela Merkel, que deixou a cadeira para Scholz no ano passado.

Merkel não era próxima de Putin, mas manteve uma política de acomodação e manutenção dos negócios energéticos com gás natural russo, como o agora suspenso gasoduto Nord Stream 2. Fazia, com a França, um contraponto de diálogo com Moscou, enquanto Washington e Londres mantinham uma linha mais agressiva.

A guerra enterrou isso. Mesmo a Turquia, o mais rebelde membro da Otan, que mantém fortes laços militares e econômicos com Putin apesar de também tê-lo como rival, vem pressionando o russo. O gabinete do presidente Recep Tayyip Erdogan pediu neste domingo que Moscou pare com a "guerra na Ucrânia", usando a terminologia vetada pelo Kremlin.

Outro aliado, este mais próximo, também já havia criticado Putin: o primeiro-ministro húngaro, Viktor Orbán. Sobram com o Kremlin países laterais como a Venezuela e a gigante China, que tem se mantido abaixo do radar nesta crise. Aliada de Putin, ela evitou condenar a Rússia e fez um discurso genérico sobre garantias de integridade territorial da Ucrânia.

Neste domingo (27), seu embaixador em Moscou publicou um tuíte criticando os EUA por suas sanções e lembrando que 80% das principais guerras depois de 1945 foram iniciadas por Washington. Mas não passou disso, mantendo a habitual discrição.

Com a ameaça ocidental de restringir o acesso de Moscou às suas reservas internacionais por meio de limitação de transferências, é bastante provável que Putin recorra a Xi Jinping, que conta com um sistema próprio de retiradas.

“**Aeronaves de propriedade russa, registradas ou controladas pela Rússia, não poderão pousar, decolar ou sobrevoar o território da UE**

Ursula von der Leyen
presidente da Comissão Europeia

feito por Valerie Glazer, diretora de comunicações do Ministério dos Transportes.

"O governo proíbe a operação no espaço aéreo canadense de aeronaves pertencentes, fretadas ou operadas por interesses russos", disse Glazer. Ela explicou que não há voos diretos entre Rússia e Canadá, mas vários voos russos passam diariamente pelo espaço aéreo canadense.

Com as restrições, forma-se uma zona ampla de veto ao tráfego aéreo russo na Europa, o que implica enormes desvios de rota para os aviões.



Putin visita centro de construção espacial em Moscou neste domingo (27) Sergei Gunejev/Sputnik

Para Putin, perda de influência russa sobre Ucrânia é inadmissível

Presidente busca deixar legado de restauração do poder do Kremlin nas ex-repúblicas soviéticas do entorno do país

ANÁLISE

Jaime Spitzcovsky

SÃO PAULO Desde a chegada à Presidência, há mais de duas décadas, Vladimir Putin se arvorou em comandante de uma missão de dimensões imperiais: recuperar o poder do Kremlin, após anos de irreversível declínio. E, de olho em sua biografia, o dirigente russo sinaliza como inadmissível entrar para a história na condição de responsável por permitir à Ucrânia escapar da órbita de influência de Moscou. Portanto, no cálculo do leão, deslancha uma guerra, deslancha também a preocupação com os contornos histó-

ricos de seu domínio no Kremlin. Putin certamente avalia a perda geopolítica da Ucrânia, com a aproximação do país a estruturas modeladas pelos Estados Unidos, como a principal derrota de seu projeto nacionalista.

E, em sua agenda, reconquistar a influência sobre Kiev representa pedra angular desde 2014, quando da chegada ao poder de partidos ucranianos pró-Washington.

"A Rússia tem sido uma grande potência ao longo de séculos e permanece com tal. Sempre teve e ainda tem legítimas zonas de interesse", sustentou Putin em um de seus primeiros pronunciamentos públicos, no final dos anos 1990. Ensaíava os primeiros

passos na política moscovita o dono de trajetória no aparato de segurança coroada com o comando da FSB, uma das agências sucessoras da KGB. Referindo-se a uma dimensão externa de seu mapa de recuperação do poder estatal russo, prosseguiu Putin: "Não devemos baixar a guarda nesse campo, nem devemos permitir que nossa opinião seja ignorada".

A 16 de agosto de 1999, a Duma, câmara baixa do Parlamento russo, se reuniu para ouvir o discurso de uma figura até então obscura no cenário político local e para votar sua indicação ao cargo de primeiro-ministro. A Rússia atravessava as turbulências da era Boris Ieltsin.

Então presidente despontava como o responsável por, oito anos antes, comandar a dissolução da União Soviética, abalar as estruturas bolcheviques e, na política externa, buscar aproximação com a Casa Branca. Protagonizou cenas históricas como desabridas gargalhadas com o norte-americano Bill Clinton, em entrevista coletiva em Nova York, em 1995.

Ieltsin, se bem sucedido no desmonte da URSS e na ampliação de liberdades democráticas em um país com tradições ditatoriais de tempos czarista e bolchevique, colheu fracassos acachapantes nos planos externo e doméstico. Ordenou o bombardeio de um Parlamento dominado pela oposição e não conseguiu obter apoio robusto ocidental para a recuperação da decrépita economia russa, epicentro de uma crise com reverberações globais em 1998.

O ieltsinismo passara a reinar seis anos antes, com o colapso da URSS e a renúncia de Mikhail Gorbatchov, o arquiteto da perestroika. A era de reformas soviéticas, entre os anos 1985 e 1991, concedeu liberdades inéditas à população, em áreas como liberdade de expressão e prática religiosa, mas também levou a superpotência nuclear a viver sua mais intensa crise econômica desde o fim da Segunda Guerra Mundial, evidenciada pela chegada de ajuda humanitária internacional.

Ao articular as primeiras palavras de seu discurso na Duma, no final dos anos 1990, Vladimir Putin já buscava sinalizar o projeto de ruptura com o esmaecimento do poder estatal e com as turbulências das eras Gorbatchov e Ieltsin. O ex-espião falava em recuperar "a lei e a ordem".

Apassagem pela Duma correspondia a um ritual político. Putin chegava ao governo a partir de articulação sustentada por um setor da sociedade russa denominado "siloviki" (sil, em russo, significa força), integrantes do aparelho estatal de segurança, como a antiga KGB e Forças Armadas. A ofensiva buscava estancar a sangria de poder do Kremlin.

Putin, como ensaiado, obteve apoio dos deputados e virou primeiro-ministro, o quinto ocupante do cargo em 17 meses, em meio ao modus operandi mercurial do ieltsinismo. Próximo passo do projeto restaurador, Ieltsin renunciou à presidência a 31 de dezembro de 1999 e escancarou o caminho para o começo da era putinista.

De início, o novo ocupante do trono atacou dois focos fundamentais da erosão do poder estatal, fortalecidos durante o período anterior. Primeiro, os chamados oligarcas, figuras bilionárias da economia pós-soviética, cujas fortunas haviam sido amealhadas, em boa medida, graças a relevantes e, à

época, indispensáveis conexões políticas.

Oligarcas, nos tempos de Ieltsin, passaram a influenciar também rumos do Kremlin. Putin sufocou ambições políticas dos bilionários, e os responsáveis por ousados desafios às novas diretrizes, como Mikhail Khodorkovsky e Boris Berezovsky, enfrentaram cárcere ou exílio.

O ex-diretor da FSB atacou outro polo alternativo de poder: as lideranças regionais. O exemplo mais radical desta tendência correspondia ao separatismo da Tchetchênia, região habitada por uma minoria de muçulmanos.

As Forças Armadas russas deslancharam então uma sangrenta guerra contra os separatistas, a segunda em menos de cinco anos. E, na primeira, Moscou amargou a derrota, incapaz de dobrar as aspirações independentistas de uma área com aproximadamente 1 milhão de habitantes.

As ações lideradas no Cáucaso por um Putin recém-chegado ao poder resultaram em vitória para o Kremlin, após conflito devastador na Tchetchênia. O projeto restaurador do líder acumulava seus primeiros triunfos.

Superados os desafios iniciais, Putin focou administrar a recuperação econômica baseada em altas nas cotas de petróleo e do gás natural e em consolidar seu poder político, injetando autoritarismo nas frágeis estruturas pós-soviéticas.

E, anos depois, eclodiram desafios no chamado "exterior próximo", como o Kremlin costuma se referir às ex-repúblicas soviéticas no entorno de suas fronteiras. Países como Ucrânia e Geórgia alimentaram demandas por adesão à Otan, a aliança militar liderada pelos EUA.

E Putin, o czar do projeto restaurador, não admite ver sua biografia esculpida pela perda das chamadas áreas de influência, em particular de um país com a importância política, estratégica, econômica e histórica da Ucrânia.

Polícia russa prende mais 2.000 pessoas

A polícia russa deteve ao menos 2.000 pessoas durante protestos contra a guerra na Ucrânia neste domingo (27). Os manifestantes foram às ruas em 44 cidades, segundo a ONG de monitoramento de violência estatal OVD-Info. Desde o início da invasão do vizinho, na quinta (24), a entidade contabilizou mais de 5.100 prisões em todos os cantos do país. Na Rússia, protestos só são permitidos com autorização de prefeituras. O movimento contra a guerra enfrenta dificuldades nas ruas, dada a repressão.

NOTAS DA GUERRA

Conselho de Segurança da ONU aprova sessão de emergência

O Conselho de Segurança das Nações Unidas convocou neste domingo (27) uma rara sessão especial de emergência de seus 193 membros para tratar da invasão da Ucrânia pela Rússia. A reunião será realizada nesta segunda-feira (28). A votação, feita por um conselho de 15 membros, foi armada de forma que a Rússia não pudesse exercer seu veto. A resolução convocando a sessão da Assembleia Geral foi adotada com 11 votos a favor. A Rússia votou contra. China, Índia e Emirados Árabes Unidos se absteram.

Chanceler ucraniano diz que Putin deve ser julgado em Haia

O chanceler da Ucrânia, Dmytro Kuleba, disse acreditar que a Rússia deve ser julgada no Tribunal Penal Internacional de Haia, na Holanda, pelos ataques iniciados nesta semana. Kuleba descreve as ações do governo de Vladimir Putin como violações ao Estatuto de Roma, tratado que criou o tribunal responsável por julgar indivíduos acusados de crimes contra a humanidade. O diplomata citou em suas redes sociais ataques a uma escola do ensino básico e a um orfanato atribuídos à Rússia e que teriam acontecido na sexta-feira (25). A Procuradoria Geral da República ucraniana estaria coletando provas para levar a Haia

Maior avião do mundo é destruído durante ataque russo na Ucrânia

O chanceler da Ucrânia, Dmytro Kuleba, lamentou neste domingo (27) a destruição do Antonov AN-225 Mriya, o maior avião do mundo. A aeronave, que era usada para transporte de carga, foi atingida e pegou fogo em solo durante combates entre forças russas e ucranianas pelo controle do aeroporto de Hostomel, localizado a noroeste da capital, Kiev.



O Antonov Mriya, em 2016 Eduardo Anzellini - 14.nov.2016, Folhapress

Putin encurralado entre tragédias

Presidente terá que lidar com o pântano desconectado do sistema financeiro

Mathias Alencastro

Pesquisador do Centro Brasileiro de Análise e Planejamento, ensina relações internacionais na UFABC

A guerra na Ucrânia chegou à sua primeira encruzilhada. A expectativa de Moscou, que invadiu com mais de 150 mil homens, era que Kiev caísse rapidamente e que um governo fantoche assumisse numa questão de dias. Mas surgiram obstáculos.

O primeiro foi o duplo movimento de resistência ucraniana e engajamento ocidental. Apesar das previsões que condenavam a um fim melancólico, Volodimir Zelenski, o ator convertido em presidente, soube divulgar na perfeição a situação de seu país e de seu povo com vídeos que viralizaram pela combinação inusitada de tom marcial, medo existencial e um jetinho de série televisiva.

Em algumas horas, os formadores de opinião ocidentais, estimulados pela euforia nas redes sociais, construíram coletivamente uma novela épica que tem como protagonista o "Churchill ucraniano". Zelenski se encontrou no seu novo papel, e o público, ainda em transição pandêmica, abraçou o conforto da ficção em vez da dura realidade — a chegada de tanques russos a Kiev em menos de três dias de combate. Os EUA, em comparação, demoraram vinte dias para ocupar Bagdá.

O fato é que a chama da resistência obrigou o bloco ocidental, inicialmente paralado pelas divisões entre os seus membros, a reagir.

Italianos e belgas deixaram de lado a baixinha de bagnarhar exceções para suas exportações de artigos de luxo nas negociações sobre sanções. A Alemanha basicamente reescreveu toda a sua política externa no espaço de dois dias. O Reino Unido aceitou romper com os oligarcas russos que alimentavam a sua economia. Os americanos, que desertaram Kiev na primeira oportunidade, agora se vendem como líderes e jogaram a carta

de um ataque ao Banco Central russo. Os mais assanhados falam até em armar os militares e civis ucranianos. No final, quando ninguém acreditava, os ocidentais desencanaaram o que pode vir a ser o bloqueio econômico mais sofisticado da história moderna. O comandante de um Exército invencível deixou um comediante munido de um smartphone escrever a história da sua guerra.

Vladimir Putin ainda tem chances reais de realizar a sua fantasia e incorporar a Ucrânia em um arranjo imperial sob os aplausos do que resta dos seus aliados. Mas depois terá de explicar aos russos e aos povos subjugados o que ele pretende fazer desse pântano desconectado do sistema financeiro.

Incrivelmente, esse é o melhor cenário. No pior, ele terá de lidar com o arrastamento do conflito e a explosão da dissidência interna. Ameaçado, Putin poderá tentar expandir a guerra além fronteiras. Ou é certo que, diante do avanço da destruição de Kiev, o Putin valentão contra o imperialismo americano, que ainda mora em alguns corações, será definitivamente substituído pelo Putin senhor de Substria de Grozni e Aleppo, que bombardeia os povos até a submissão.

Quando isso acontecer, ninguém vai mais lembrar dos planos maquiavélicos da Otan, das maldades de Biden ou das artimanhas de Zelenski. Porque a morte é um fardo que um homem carrega sozinho. E a loucura da guerra deixou Putin encerrado entre duas tragédias.

Bolsonaro diz que Brasil deve manter neutralidade em relação a conflito

Presidente cita laço comercial com a Rússia e afirma que não quer 'trazer consequências para cá'

Klaus Richmond
Carlos Petrocilo

SANTOS SÃO PAULO O presidente Jair Bolsonaro (PL) afirmou, neste domingo (27), que o Brasil deverá adotar uma postura de neutralidade diante da invasão da Rússia na Ucrânia. "Nós não podemos interferir. Nós queremos a paz, mas nós não podemos trazer consequências para cá", declarou Bolsonaro em entrevista coletiva em um hotel em Guarujá (SP).

Esta foi a primeira vez que o presidente se manifestou sobre os conflitos, que começaram na quinta-feira (24) — ele vinha sendo cobrado internamente por assessores e aliados para se manifestar. Uma semana antes de a Rússia invadir a Ucrânia, Bolsonaro fez questão de manter uma visita ao presidente russo, Vladimir Putin, sob a justificativa da necessidade de ampliar laços comerciais com Moscou. Apesar do discurso de neutralidade, Bolsonaro discordou da palavra massacre dita por uma jornalista durante a entrevista e, ainda, ironizou o fato de Volodimir Zelenski atuar como ator e comediante antes de ser alçado à Presidência da Ucrânia.

"Você está exagerando a palavra massacre. Não há interesse por parte de um chefe de Estado praticar um massacre por onde quer que seja, está se empenhando em duas regiões do sul da Ucrânia", dis-



Presidente Jair Bolsonaro durante entrevista coletiva no hotel Forte dos Andradas, em Guarujá, litoral de São Paulo. Reprodução

“**Você está exagerando a palavra massacre. Não há interesse por parte de um chefe de Estado praticar um massacre**”

Jair Bolsonaro
presidente da República

se Bolsonaro. "[O povo ucraniano] confiou num comediante e o destino de uma nação. Eu vou esperar o relatório para emitir minha opinião [se condeno ou não Putin]". O presidente tentou justificar sua posição ao citar os interesses econômicos com a Rússia. "O mundo todo está

conectado que o que acontece a 10 mil km tem influência no Brasil. Temos que ter responsabilidade em termos de negócios com a Rússia. O Brasil depende de fertilizantes." Bolsonaro afirmou que tinha conversado "há pouco" com Putin, por duas horas. "Ele falou da Ucrânia, mas me

reservo a não entrar em detalhes da forma como vocês [jornalistas] gostariam." O uso da expressão "há pouco" deu a entender que os dois haviam se falado neste domingo.

Mais tarde, Bolsonaro afirmou em rede social que se referia à conversa presencial quando da sua visita ao Kremlin, no último dia 16. O Itamaraty também informou que se tratava desse encontro.

O presidente também falou sobre a posição do Brasil durante reunião de emergência da Assembleia Geral da ONU na qual novas sanções contra a Rússia deverão ser debatidas.

"Não tem nenhuma sanção ou condenação ao presidente Putin", afirmou Bolsonaro. "O voto do Brasil não está definido e não está atrelado a qualquer potência. Nosso voto é livre. A nossa posição com o ministro Carlos França é de equilíbrio."

O embaixador Ronaldo Costa Filho, representante do Brasil junto às Nações Unidas, disse que é preciso cautela antes de cada punição. Segundo ele, não se pode ignorar que algumas das medidas debatidas "aumentam os riscos de um confronto mais amplo e direto entre a Otan e a Rússia".

Na sexta (25), o Brasil votou a favor de uma resolução no Conselho de Segurança da ONU para condenar a invasão da Ucrânia pela Rússia. A medida, no entanto, foi vetada por Moscou, que tem o poder de barrar medidas por ser um dos cinco membros permanentes do colegiado.

Na ocasião, Costa Filho adotou tom duro contra Moscou. "O Conselho de Segurança deve reagir de forma rápida ao uso da força contra a integridade territorial de um Estado-membro. Uma linha foi cruzada, e esse Conselho não pode ficar em silêncio", declarou antes da votação do texto.

Brasileiros são barrados na fronteira da Ucrânia com a Polônia

Flávia Mantovani

SÃO PAULO Exaustos após quatro dias sem dormir nem tomar banho, um grupo de três brasileiros percorria a fronteira oeste da Ucrânia na noite deste domingo (27), tentando achar uma saída.

Os jogadores de futebol Edson Fernando e Talles Brenner e a namorada de Talles, Jessica Ariani, estavam desde a quinta-feira (24) em um posto fronteiriço tentando passar para a Polónia, sem sucesso.

"O frio era tanto que nosa boca está toda cortada, as mãos queimadas. Ficamos 24 horas na fila, sem dormir. Está sendo horrível", diz Jessica, 28.

Eles levaram 16 horas para percorrer de van os 80 quilômetros da cidade de Lviv até a fronteira. Deixados pelo motorista, que por ser ucraniano não poderia atravessar, eles tentaram carona na fila de carros, mas ninguém os ajudou. "Chegamos a oferecer US\$ 300 para andar 2 km, mas ninguém nem abriu o vi-

dro para a gente. Fomos entrando em desespero."

Segundo Jessica, os militares ucranianos deixam passar mulheres e crianças, mas não estão autorizando homens, mesmo estrangeiros, a atravessarem. Há relatos de que motoristas de ônibus e alguns lojistas não aceitam clientes de fora, só ucranianos.

O grupo foi socorrido por outra brasileira, Clara Magalhães, que veio da Alemanha de carro para ajudar refugiados na região. Depois de três dias tentando, ela conseguiu atravessar para o lado ucraniano, com uma bandeira do

Brasil no veículo lotado de docas. Além dos três brasileiros, que ela não conhecia antes, deu carona para um ucraniano e um nigeriano.

"A fronteira está um caos. Os militares estão agressivos, impacientes, usam cassetetes, armas com balas de borracha. O pessoal está sem água, com fome, com frio. Se continuar assim, eles vão acabar derrubando as grades invadindo".

Clara dirigiu até a Eslováquia, mas a fila de carros chegava a 50 quilômetros. O grupo passou por seis pontos de fronteira até chegar à Hungria, onde esperavam con-

seguir passar enquanto conversando com a reportagem.

O Itamaraty informou que até a noite de domingo cerca de 80 brasileiros conseguiram sair da Ucrânia pelas fronteiras com o apoio da embaixada, e outros cem ainda tentam deixar o país. "Nos primeiros dias, ante a falta de condições de segurança, estamos implementando a evacuação segura e ordenada", diz a nota.

Até agora, os esforços têm se concentrado principalmente na fronteira da Romênia. O presidente Jair Bolsonaro (PL) informou nas redes sociais que 39 pessoas — 37 brasileiros e dois uruguaiois — chegaram a Bucareste após deixar Kiev. Entre elas, estão os jogadores do Shakhtar Donetsk, time da primeira divisão, e seus familiares.

"A Embaixada estabeleceu um posto avançado na fronteira com a Moldóvia (caminho entre Kiev e Romênia) para receber os brasileiros que porventura chegaram desgarrados por aquela região

fronteira", escreveu. Bolsonaro afirmou ainda que duas aeronaves da Força Aérea Brasileira poderão transportar os que quiserem voltar ao Brasil.

Neste domingo, a embaixada na Ucrânia divulgou em um comunicado que não aconselha tentar passar a pé ou de carro pelos postos de fronteira entre Lviv e a Polónia.

No sábado, eles haviam anunciado que receberam "inúmeros relatos de enormes aglomerações, atrasos que chegam a durar dias, comportamento agressivo, falta de hospedagem e necessidades básicas" no local.

Mas os brasileiros que já estão lá se dizem desassistidos pelas embaixadas na Ucrânia e na Polónia. Em vídeos postados nas redes sociais e na conversa com a Folha, afirmam que não conseguem contato com a embaixada em Kiev e que a representação brasileira na Polónia tem respondido que nada pode fazer por quem está do outro lado.

Questionado pela Folha, o ministro afirma que vai enviar uma missão com oito funcionários à Polónia para ajudar os brasileiros.

Uma das situações mais críticas em Lviv é dos jogadores Guilherme Smith, Cristian Dal Bello e Juninho Reis, além da esposa de Vitória Magalhães, e do filho de três anos.

Depois de caminharem mais de 30 quilômetros, eles foram barrados na saída da Ucrânia. "Os guardas começaram a empurrá-los, empurraram até minha sobrinha com a criança. Nem abriram o passaporte, não quiseram saber", diz Aguiarda Magalhães, tia de Vitória.

No caminho, Guilherme feriu o pé e Vitória queimou a perna em uma fogueira que o grupo fez para se aquecer.

Eles acabaram voltando a Lviv, onde receberam atendimento médico e aguardam uma solução. "Não tem como voltar para trás, não tem como ir para a frente", disse Vitória, em um vídeo. "Precisamos de ajuda para sair daqui."

TODA MÍDIA

Nelson de Sá
nelson.sa@grupofolha.com.br

Pressões de EUA, UE e Rússia aceleram fratura da internet

No fim de semana de sanções paralelas à Rússia, pois segundo o Wall Street Journal não podem fazê-lo com gás e petróleo, EUA, Alemanha e outros começaram a cercar as empresas de mídia e tecnologia.

Na sexta, o demócrata Mark Warner, que preside a comissão de inteligência do Senado, enviou cartas para Alphabet (Google, YouTube), Meta (Facebook, Instagram, WhatsApp), Twitter e outras plataformas, exigindo ações contra veículos russos como RT e as agências Tass e Sputnik.

Alphabet, Meta e Twitter responderam pouco depois, com a suspensão do impulso de pagamento pago das contas citadas e outras. Também cortaram a monetização, a publicidade veiculada nas mesmas.

Em resposta, a Rússia restringiu o Facebook e o Twitter, que atravessaram o domingo quase inacessíveis no país, segundo os relatos dos próprios jornalistas russos.

Também no domingo, a alemã Ursula von der Leyen, que preside a Comissão Europeia, acrescentou que a União Eu-

ropeia está "desenvolvendo ferramentas para banir" veículos russos, impedir o acesso aos mesmos via internet.

Moscou, de sua parte, já havia barrado a alemã DW, como resposta ao banimento anterior da mesma RT por Berlim.

A escalada, que vem dificultando aos usuários acompanhar não só os veículos citados, mas vários outros, dos dois lados, ameaça a própria internet, alertou o WSJ em extensa reportagem — destacada com certo alarme pelo principal agregador de notícias de tecnologia, Techmeme.

Em suma, publica o jornal, "analistas afirmam que o conflito [com a Rússia] pode acelerar a fratura da internet, que

até pouco tempo atrás estava dividida [somente] entre a China e o resto do mundo". Sallentou, como parte do mesmo movimento, a exclusão do hoje gigante TikTok e de outras plataformas chinesas pelo governo da Índia.

TELEGRAM RESISTE Algumas plataformas não cedem, caso do Telegram, originalmente russo, agora baseado nos Emirados. Seu fundador, Pavel Durov, também recebeu carta de Mark Warner e estaria sofrendo pressão da Rússia, mas negou qualquer medida restritiva, como noticiou o Kommersant — jornal que, ao longo do domingo, só foi possível acessar via Telegram.



EMERGÊNCIA?

Cada vez mais atento à edição de conteúdo, o Twitter alertou os usuários para os comboios de caminhões que se dirigem a Washington, em protesto contra restrições da Covid, como o que parou o governo canadense; cita a Reuters, com uma foto e a notícia de que o Departamento de Defesa já convocou 700 soldados da Guarda Nacional e 50 veículos táticos.

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal Folha de S. Paulo 1

Seção: Mundo **Caderno:** A **Página:** 9 a 13